

Orquestra Gulbenkian

Lorenzo Viotti



26 + 27 fev 26

26 fev 26 QUINTA 20:00

27 fev 26 SEXTA 19:00

GRANDE AUDITÓRIO

Orquestra Gulbenkian

Lorenzo Viotti Maestro

Richard Wagner

Abertura da ópera *Rienzi*

c. 13 min.

Claude Debussy

Printemps

c. 16 min.

1. *Très modéré*

2. *Modéré*

INTERVALO

Anton Bruckner

Sinfonia n.º 6, em Lá maior

c. 55 min.

1. *Majestoso*

2. *Adagio: Sehr feierlich* (Muito solene)

3. *Scherzo: Nicht schnell* (Sem precipitar)

4. *Finale: Bewegt, doch nicht zu schnell*
(Movimentado, mas moderado)

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: 1h 50 min.

INTERVALO DE 20 MIN.

Richard Wagner

(Leipzig, 1813 – Veneza, 1883)

Abertura da ópera *Rienzi*

COMPOSIÇÃO 1840

ESTREIA Dresden, 20 de outubro de 1842

DURAÇÃO c. 13 min.

A obra de Richard Wagner assumiu um relevo particular na história da ópera, uma vez que a sua orientação reformista foi decisiva na emergência de uma nova concepção do gênero. Para além do mais, as suas ideias alcançaram um impacto bastante alargado nas décadas subsequentes, nos mais diversos campos do pensamento e da arte, o qual subsistiu em boa parte até aos dias de hoje. O seu interesse pelo teatro e pela música manifestou-se desde cedo, mas o seu primeiro sucesso operático, após algumas outras tentativas, seria obtido apenas com a estreia de *Rienzi*. Na concepção do libreto, Wagner baseou-se no romance *Rienzi, the Last of the Roman Tribunes* (1835), de Edward Bulwer-Lytton (1803-1873), elaborado em torno da figura histórica de Cola di Rienzo (ou Rienzi, 1313-1354), um autoproclamado tribuno da cidade de Roma no final de Idade Média que se tornou famoso por prometer esmagar a nobreza e oferecer o poder ao povo. O compositor começou a esboçar a ópera ainda no período em que exerceu funções em Riga, em 1837, mas a música seria composta entre 1838 e 1840, em Paris, visando a sua afirmação naquele importante meio operático. Em *Rienzi*, Wagner enquadra-se essencialmente no modelo do *grand opéra*,

procurando ultrapassar as próprias produções francesas nesse gênero, de autores como Auber, Halévy e Meyerbeer, mas mantendo-se na linha das inovações introduzidas na ópera francesa, em termos da estratégia dramática, por Gluck e Spontini. No entanto, o sonho parisiense não seria cumprido, e foi por meio da recomendação de Meyerbeer que conseguiu que a *première* dessa ópera tivesse lugar na capital da Saxónia, numa altura em que até já tinha terminado a ópera seguinte, *O navio fantasma*. A abertura, em particular, com toda a sua exuberância orquestral, tornou-se um favorito das orquestras ainda antes de a ópera completa ser estreada, e mesmo depois de esta praticamente ter desaparecido dos palcos. A peça inicia-se em andamento lento, com os toques de trompeta que representam o apelo às armas por parte da família Colonna, no Ato III. As cordas apresentam então um dos temas mais eloquentes e majestosos de Wagner, a “Oração de Rienzi pelo povo”, que na sequência da estreia se tornou a ária mais célebre da ópera. Esta melodia passa das cordas para os metais e para as madeiras, associando-se em seguida ao tema coral cromático oriundo do *Finale* do Ato I, que após a repetição dá lugar ao hino de batalha, unido novamente à oração de Rienzi e executado pelos metais em fortíssimo. Um segundo tema, proveniente do *Finale* do Ato II, é enunciado e logo depois desenvolvido com um contratema nos trombones, conduzindo a uma esplêndida marcha militar, que cresce gradualmente em veemência e encerra a abertura com brilhantismo.

Claude Debussy

(Saint-Germain-en-Laye, 1862 – Paris, 1918)

Printemps

—

COMPOSIÇÃO 1912

ESTREIA Paris, 18 de abril de 1913

DURAÇÃO c. 16 min.

Claude-Achille Debussy foi um compositor marcante para o século XX, pelas inovações que realizou e pelos caminhos que desvendou, tendo-se assumido como um dos pilares do Modernismo francês. A obtenção do ambicionado *Prix de Rome*, em 1884, deu-lhe o ensejo de se instalar durante pouco mais de dois anos na Villa Medici, em Roma, contando-se entre os seus deveres o envio periódico de obras que refletissem o seu desenvolvimento como compositor. Numa carta de fevereiro de 1887, revelava a sua ideia de “compor uma obra numa cor muito especial que deve cobrir um grande âmbito de sentimentos”. Embora se recusasse a seguir um programa literário, era sua intenção “expressar o nascimento lento e laborioso dos seres e das coisas na natureza, o seu florescimento gradual e, finalmente, a alegria de nascer para uma nova vida”. O resultado foi a pequena suite intitulada *Printemps*, composta ainda nesse ano e remetida para os seus mentores na Academia de Belas Artes, em Paris, que notaram com suspeição o seu interesse especial pela cor. Foi nesse contexto, aliás, que surgiu uma das primeiras associações da música de Debussy à recente vaga do “impressionismo” pictórico, considerado pelos críticos uma tendência perigosa e inimiga da verdadeira arte.

A versão original foi escrita para coro sem palavras e piano a quatro mãos, mas numa carta para Ernest Chausson, em 1889, o compositor deixou entender que também havia uma versão orquestral, que pretendia reelaborar, o que nunca aconteceria. Mais tarde, em 1904, concordou em rever a peça para o editor Durand, mas acabaria por recuar, considerando as mudanças entretanto ocorridas no seu estilo. A tarefa seria, assim, atribuída a Henri Büsser, que completou a orquestração, sob a sua supervisão, entre 1909 e 1912. Situando-se ainda longe daquele que seria o estilo maduro de Debussy, esta é uma peça que não deixa de possuir o seu interesse próprio, enquanto testemunho da fase inicial da sua carreira. São audíveis, nomeadamente, ecos do cromatismo wagneriano (por altura da composição da peça, Debussy dedicava-se afincadamente ao estudo da partitura de *Tristan und Isolde*). Os dois andamentos desta pequena suite articulam-se à maneira de um prelúdio e uma dança. O primeiro, *Très modéré*, começa com uma melodia delicada, rica em surpresas harmónicas, que remete para a influência de Massenet. Esse tema é depois elaborado pela orquestra em agradáveis combinações instrumentais, desvanecendo-se expressivamente após um desenvolvimento imaginativo. Já o segundo andamento, *Modéré*, abre com uma ideia melódica eloquente, marcada por alguns apontamentos ritmicamente surpreendentes. A música torna-se gradualmente mais animada, desembocando numa breve secção *scherzando*, a qual dá origem a novo crescendo de entusiasmo, que se dirige para uma conclusão exaltada.

Anton Bruckner

(Ansfelden, 1824 – Viena, 1896)

Sinfonia n.º 6, em Lá maior

—

COMPOSIÇÃO 1881

ESTREIA (INTEGRAL) 26 de fevereiro de 1899

DURAÇÃO c. 55 min.

Anton Bruckner foi uma das figuras mais emblemáticas do romantismo austro-germânico tardio, sobretudo pela relevância da sua produção sinfónica, mas também pela atividade no domínio da música sacra. O seu estilo caracteriza-se pela riqueza da linguagem harmónica, pela complexidade polifónica, pelo lirismo de grande fôlego, pela orquestração de influência wagneriana, bem como pelos vastos recursos ao nível do tratamento temático, domínio em que revela influência dos procedimentos de Beethoven, Liszt e Wagner. Compreendendo onze obras, embora apenas nove tenham recebido numeração, a produção sinfónica bruckneriana é usualmente dividida em três períodos estilísticos. Em 1879, Bruckner entrava na sua última fase criativa, em que completaria sucessivamente, até 1887, as sinfonias n.ºs 6 a 8, deixando ainda incompleta a n.º 9. A Sinfonia n.º 6, em Lá maior, foi composta entre 1879 e 1881, tendo sido estreada na íntegra, e com sucesso, já após a morte do compositor, em 1899, pela Orquestra Filarmonica de Viena, sob a direção de Gustav Mahler. Trata-se de uma obra frequentemente negligenciada, não obstante ser particularmente rica, expressiva e arrojada, tanto ao nível da harmonia,

como da forma e da instrumentação. O 1.º andamento, *Majestoso*, concebido numa forma sonata em larga escala, inicia-se com uma ideia rítmica obsessiva num *ostinato* dos violinos, sob o qual as cordas graves apresentam o tema principal, marcado por determinadas inflexões (em particular ao acorde de 6.^a napolitana) que terão repercussões tonais importantes em larga escala ao longo da obra. O tema é afirmado num *tutti* poderoso, advindo uma segunda ideia, lírica e expressiva, e ainda um terceiro tema, de carácter rítmico e militar, que conduz ao desenvolvimento, relativamente curto e menos complexo do que o habitual em Bruckner. O início da reexposição constitui um dos pontos culminantes da obra, espoletando a recapitulação integral do material temático, após o que uma coda percorre todas as tonalidades, conduzindo a uma última afirmação exultante do tema principal. No 2.º andamento, *Adagio: Sehr feierlich*, em Fá maior, que obedece também a uma forma sonata (em vez da forma ternária em grande escala que é usual noutras sinfonias suas), as cordas apresentam um tema ansioso, pontuado por um motivo plangente no oboé. Os ecos audíveis das inflexões napolitanas do 1.º andamento contribuem para a ambiguidade tonal deste início. Uma curta transição conduz a um segundo tema nos violinos, uma canção imperturbável e profundamente expressiva, e o terceiro tema, mais enevado, introduz a atmosfera mais sombria de uma marcha fúnebre, conjugada com um intimismo à maneira da música de câmara. Após um breve desenvolvimento, a reexposição recupera os três temas, envolvidos agora numa nova orquestração, e a coda encerra

o andamento num ambiente de serenidade absoluta. Já o 3.º andamento, *Scherzo: Nicht schnell – Trio. Langsam*, em Lá menor, mais lento, obscuro e tenso do que o habitual em Bruckner, não se baseia num tema propriamente dito, mas antes numa justaposição de três motivos rítmicos contrastantes. A frequência das figuras em tercinas cria a impressão de movimento contínuo, que se alia a uma certa ambiguidade harmónica, desembocando num desenvolvimento que decorre em regiões distantes da tonalidade principal, e depois numa reexposição literal. O *Trio*, em Dó maior, adota o estilo de um *Ländler*, num diálogo entre cordas em *pizzicato*, trompas e madeiras, sendo depois o *Scherzo* repetido na íntegra. Por fim, o *Finale: Bewegt, doch nicht zu schnell*, também uma forma sonata, inicia-se com um tema no modo frígio sobre Lá, em *sotto voce*, que gradualmente se torna mais agitado e enfático. Depois de um segundo tema em Dó maior, é apresentado um terceiro derivado do lamento do oboé no *Adagio*, o qual é rapidamente submerso numa trama contrapontística. Na coda, o primeiro tema deste *Finale* é reunido com o tema principal do 1.º andamento, em Lá maior, numa derradeira peroração massiva.

Lorenzo Viotti

Lorenzo Viotti é um dos maestros mais cativantes da sua geração, sendo reconhecida a sua notável versatilidade, tanto no repertório sinfónico como no operático. Ao longo da temporada 2025/26, apresenta-se nos principais palcos mundiais, incluindo atuações com a Filarmónica de Viena, a Orquestra Nacional de França, a Sinfónica de Viena, a Orchestra dell'Accademia Nazionale di Santa Cecilia, em Roma, bem como a Filarmonica della Scala, em Milão, com a qual mantém uma colaboração profícua. Regressa ao Japão para dirigir a Sinfónica de Tóquio, orquestra onde assumirá as funções de Diretor Musical a partir da temporada 2026/27.

No domínio da ópera, estreia-se no Palau de les Arts, em Valência, com *Fausto* de Gounod, regressando à Ópera de Zurique para *O Morcego*, de J. Strauss, e à Ópera Estatal de Viena, para *Il Trittico*, de Puccini. Anteriormente, dirigiu produções no Teatro alla Scala, na Ópera de Paris, na Ópera de Zurique, na Semperoper Dresden e com a Ópera Nacional dos Países Baixos. No plano sinfónico, as suas colaborações incluem compromissos com a Filarmónica de Berlim, a Orquestra do Real Concertgebouw de Amesterdão, a Filarmónica de Munique, a Orquestra do Gewandhaus de Leipzig e a Orquestra de Cleveland, entre outras. Natural de Lausanne, na Suíça, Lorenzo Viotti nasceu no seio de uma família de músicos de ascendência italiana e francesa. Estudou piano, canto e percussão em Lyon, e direção de orquestra em Viena e em Weimar. Alcançou destaque internacional ao vencer várias competições importantes, incluindo o Concurso Internacional de Cadaqués, o Concurso de Direção da Orquestra Sinfónica MDR e o *Nestlé and Salzburg Festival Young Conductors Award* (2015). Em 2017 recebeu o *International Opera Newcomer Award* nos *International Opera Awards*, em Londres. Foi Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian entre 2018 e 2021.

Orquestra Gulbenkian

Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Ao longo de mais de sessenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de cerca de sessenta instrumentistas, que pode ser expandido de acordo com as exigências de cada programa. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório, do Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas podem também ser interpretadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora.

Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório, em Lisboa, em cujo âmbito colabora com os maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas. Atua também com regularidade noutros palcos nacionais, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora. No plano internacional, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrix, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio. O finlandês Hannu Lintu é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian.

PRIMEIROS VIOLINOS

Vadim Tsibulevsky CONCERTINO*
Francisco Lima Santos 1º CONCERTINO AUXILIAR
Maria Balbi 1º SOLISTA
Alla Javoronkova
Ana Beatriz Manzanilla
Elena Ryabova
Maria José Laginha
Otto da Casa de Pereira
Catarina Ferreira
Catarina Resende
Margarida Queirós
Félix Duarte
João Castro*
Francico Ferreira*

SEGUNDOS VIOLINOS

Anna Paliwoda 1º SOLISTA
Zachary Spontak 1º SOLISTA
Piotr Rachwał 2º SOLISTA
Jorge Teixeira
Tera Shimizu
Stefan Schreiber
Ana Isabel Malheiro
Gonçalo Melo
Bernardo Barreira
Ricardo Vieira
Ana Sofia Faria*
Lúcia Salvado*

VIOLAS

Samuel Barsegian 1º SOLISTA
Lu Zheng 1º SOLISTA
João Tiago Dinis 2º SOLISTA
Nuno Soares
Sara Moreira
Artemis Balkiz
Joana Silva
Micaela Miranda
Dinis Campos*
Milan Radocaj*
Íris Almeida*

VIOLONCELOS

Martin Henneken 1º SOLISTA
Nuno Abreu 1º SOLISTA*
Jeremy Lake 2º SOLISTA
Raquel Reis
Leonor Moniz
João Cunha*
Tiago Mirra*
Beatriz Raimundo*
Maria Nabeiro*

CONTRABAIXOS

Pedro Vares de Azevedo 1º SOLISTA
Domingos Ribeiro 1º SOLISTA
Manuel Rêgo 2º SOLISTA
Marine Triolet
Luís Ferreira
João Lobo*

FLAUTAS

Cristina Ánchel 1º SOLISTA
Sónia Pais 1º SOLISTA
Amalia Tortajada 2º SOLISTA
Rui Borges Maia 2º SOLISTA*

OBOÉS

Pedro Ribeiro 1º SOLISTA
Nelson Alves 1º SOLISTA
Alice Caplow-Sparks 2º SOLISTA
CORNE INGLÊS

CLARINETES

Iva Barbosa 1º SOLISTA
Telmo Costa 1º SOLISTA
José María Mosqueda 2º SOLISTA
CLARINETE BAIXO

FAGOTES

Ricardo Ramos 1º SOLISTA

Vera Dias 1º SOLISTA

Raquel Saraiva 2º SOLISTA

CONTRAFAGOTE

TROMPAS

Duarte Moreira 1º SOLISTA

Telmo Rocha 1º SOLISTA

Pedro Fernandes 2º SOLISTA

Antonia Chandler 2º SOLISTA

Daniel Canas 2º SOLISTA*

TROMPETES

Carlos Leite 1º SOLISTA

João Moreira 1º SOLISTA*

José Pedro Pereira 2º SOLISTA

Davide Lopes 2º SOLISTA*

Paulo Carmo 2º SOLISTA*

TROMBONES

Sergi Miñana 1º SOLISTA

Rui Fernandes 2º SOLISTA

Thierry Redondo 2º SOLISTA

TROMBONE BAIXO

Paulo Alves 2º SOLISTA*

TUBAS

Amílcar Gameiro 1º SOLISTA

Elmano Pereira 1º SOLISTA

TIMBALES

Rui Sul Gomes 1º SOLISTA

PERCUSSÃO

Abel Cardoso 2º SOLISTA

Tomás Rosa 2º SOLISTA*

José Afonso Sousa 2º SOLISTA*

Marco Fernandes 2º SOLISTA*

João Braga Simões 2º SOLISTA*

HARPA

Beatriz Cortesão 1º SOLISTA*

PIANO

Karina Aksenova 1º SOLISTA*

Ricardo Martins 1º SOLISTA*

* Instrumentista convidado

—

COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO

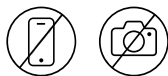
Américo Martins

Marta Ferreira de Andrade

Pedro Canhoto

Fábio Cachão

Inês Nunes



Pedimos que desliguem os telemóveis durante o espetáculo. A iluminação dos ecrãs pode perturbar a concentração dos artistas e do público.

Não é permitido tirar fotografias nem fazer gravações sonoras ou filmagens durante os espetáculos.

Programas e elencos sujeitos a alterações sem aviso prévio.

MECENAS
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
ESTÁGIO GULBENKIAN PARA ORQUESTRA

MECENAS
MÚSICAS DO MUNDO

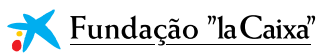
MECENAS
CONCERTOS PARA PIANO E ORQUESTRA

MECENAS
CICLO DE PIANO



De acordo com o compromisso da Fundação Calouste Gulbenkian com a sustentabilidade, este programa foi impresso em papel produzido a partir de florestas plantadas com gestão sustentável.

A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. **Isto é crescer com a cultura.**



Apoiamos *a cultura* para *melhorar* *a sociedade*



